

OS SANTOS DE CASA: UM ESTUDO SOBRE FAMÍLIA, COMUNIDADE E RELIGIÃO NO MENOR MUNICÍPIO BRASILEIRO

*Carlos Eduardo Machado**
Universidade Estadual Paulista – Marília, Brasil

Resumo: As transformações do campo religioso brasileiro incidem sobre os demais campos da vida social. Além da esfera pública que passa a experimentar manifestações e contatos mais plurais, os espaços privados e os núcleos familiares também sentem os impactos deste movimento. Desta forma, não apenas o campo religioso muda, mas as próprias práticas religiosas e as relações entre indivíduos de diferentes pertencimentos religiosos são alteradas. Partindo destas considerações, apresento neste artigo algumas reflexões originadas da pesquisa realizada na cidade de Borá, interior do Estado de São Paulo, Brasil. Conhecida como a menor cidade brasileira em termos populacionais, Borá apresenta características singulares em sua formação. As relações entre os boraenses ou são parentais ou bastante próximas, as famílias que primeiro chegaram à região constituíram uma estrutura comunitária com características católicas presentes até hoje. Com as recentes transformações que atingem o campo social e econômico, somando ao crescimento das igrejas protestantes no município, Borá fornece um retrato contemporâneo das mudanças internas do campo religioso brasileiro, e de como as noções de família e de comunidade estão presentes como mediadoras neste novo contexto.

Palavras-chave: família, comunidade, religião, Borá

Abstract: The transformations of the Brazilian religious field focus on other fields of social life. Besides the public sphere, that passes to experience demonstrations and more plural contacts, private spaces and households also feel the impact of this movement. Thus, not only the religious field changes, but their religious practices and relationships between people of different religious affiliations are changed. Starting from these considerations, this article presents some reflections originated from research conducted in the city of Borá, interior of São Paulo, Brazil. Known as the smallest Brazilian city in terms of population, Borá has unique characteristics in its formation. Relations between boraenses are parental or are very close. Families who first arrived in the region had a community structure with Catholic characteristics present today. With the recent changes that affect the social and economic field, adding to the growth of Protestant churches in the city, Borá provides a contemporary portrait of the internal changes of the Brazilian religious field,

and how the notions of family and community are present as mediators in this new context.

Keywords: family, community, religion, Borá (Brazil)

Introdução

Há cerca de dezoito anos um evento transmitido em rede aberta de televisão anunciou um dos possíveis conflitos que estariam surgindo sob novas roupagens no campo religioso brasileiro. Em 12 de outubro de 1995, o caso conhecido como o “Chute na Santa”, ganhou a atenção de especialistas (cf. MONTES, 1998; GIUMBELLI, 2003; ALMEIDA, 2007), assim como dos diversos meios de comunicação. Um ex-pastor da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd), em seu programa de televisão, exibido nas madrugadas da TV Record, chutou por diversas vezes a imagem de Nossa Senhora de Aparecida, exclamando em sua direção “boneco... tão feio, tão horrível, tão desgraçado”.

Em diversos momentos da história do cristianismo aconteceram conflitos entre aqueles que faziam usos da iconografia religiosa e aqueles que eram considerados como iconoclastas por rejeitarem qualquer reprodução imagética das divindades.¹ No Brasil, “uma lógica pervasiva e desigualmente compartilhada”, nas palavras de Pierre Sanchis (2008, p. 79), fez com que as imagens religiosas ganhassem outros usos e despertassem diferentes reações. Verificar os atuais usos e as novas reações que despertam a iconografia, a partir das identidades e pertencimentos religiosos distintos, entre católicos e evangélicos, num contexto de relações de parentesco e comunitárias em um campo religioso plural, é o objetivo deste estudo.

Apresento, portanto, os resultados da pesquisa realizada entre os anos de 2011 e de 2013, na cidade de Borá, São Paulo. Reconhecida em 2010 como o menor município brasileiro em termos populacionais (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012),² somando um quantitativo de 805 habitantes, ganhou evidência nos noticiários e propagandas publicitárias. Longe da ideia evolucionista de explorar o “exótico”, o “primitivo” ou o “distante”, a escolha de Borá como campo para o desenvolvimento da pesquisa se deve muito mais pela possibilidade de examinar em um contexto geograficamente

delimitado as relações entre católicos e evangélicos nos espaços públicos e privados.

Borá não é “uma ilha”, nem mesmo corresponde a qualquer quimera “bucólica” que muitas pessoas possam imaginar (principalmente no que diz respeito a categoria interior, se referindo ao caipira ou camponês). Na realidade, o que pude constatar é que os boraenses constroem redes articuladas e complexas de relações dentro e fora da pequena cidade, seus conflitos entre tradição e modernidade, correspondem aos mesmos conflitos enfrentados por qualquer habitante de uma metrópole. São, no entanto, as particularidades de seu processo histórico que levamos em consideração como critério para o *locus* da pesquisa.

Neste contexto, onde católicos e evangélicos compartilham os mesmos espaços de convivência, nosso objetivo é o de identificar e compreender como, nos diferentes níveis de interações nos espaços públicos e privados, entre as famílias e na comunidade, as imagens de santos podem revelar processos de transformação das percepções e representações do universo religioso e familiar. Para isso me apoiei como material de pesquisa a monografia de Valdirene Marconato (1997), para compor uma narrativa histórica sobre a formação de Borá. Também utilizei os dados fornecidos pelo IBGE a fim de traçar comparativos e problematizações. Na pesquisa de campo, apliquei um questionário semi-estruturado, utilizando também o método da observação participante, depoimentos e a descrição etnográfica.

Realizei cerca de vinte e cinco visitas³ entre 2011 e 2013, dividindo neste período de pesquisa um ano de trabalho antes do financiamento da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), e dois anos seguidos com o financiamento, o que possibilitou maiores recursos para o desenvolvimento da mesma. Como em Borá não há hospedarias ou pensionatos, em todas as visitas precisei retornar à cidade vizinha de Paraguaçu Paulista e retomar o trabalho no dia seguinte. As conversas informais foram registradas no caderno de campo, assim como os depoimentos.

Em suma, este estudo busca se inserir na discussão sobre as transformações do campo religioso brasileiro, trazendo uma contribuição original sobre estas mudanças. Observando a partir das relações de parentesco e comunitárias, propomos dessa forma, pensar o pluralismo religioso sob o plano dos conflitos, das tensões e, sobretudo, das negociações de valores que envolvem as noções de *família* e de *comunidade*.

Borá, São Paulo: contextualizando

Borá é vizinha das cidades de Lutécia, Paraguaçu Paulista, Quatá e Quintana, cidades que compõem um pequeno núcleo no centro-oeste paulista. Com uma unidade territorial de 118, 450 km², localizada a 486 km da capital de São Paulo, sua economia é baseada na produção rural, contando com setores da agricultura e pecuária. A produção agrícola fornece subsídios para o desenvolvimento econômico da cidade, com a produção de algodão, amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, dentre outros. Os entornos de Borá são cercados por sítios e fazendas onde se desenvolve o plantio destes gêneros. A pecuária desempenha importante papel, com a criação de bovinos, equinos, bubalinos, muares, suínos, caprinos, ovinos, galos e frangos, com esta produção os pecuaristas também se valem de ovos, lã, mel e leite de vaca para complementarem suas demandas.

As primeiras incursões a campo foram pegando caronas na estrada, as margens da rodovia Richard Rayes que seguem em direção as cidades de Echaporã, Assis e Paraguaçu Paulista, onde iniciei meu percurso etnográfico. Com o passar do tempo ao adquirir o financiamento junto a FAPESP, pude dar continuidade ao trabalho de campo viajando de ônibus e/ou moto taxi. No entanto, pude perceber que foram nas caronas com caminhoneiros de passagem pela estrada, ou em ônibus rurais lotados com turmas de trabalhadores da usina de cana de açúcar da região, ou com moradores de Paraguaçu e de Borá, que me permitiram ter um primeiro acesso a realidade dos habitantes da cidade.

Ao adentrar em Borá qualquer visitante oriundo de cidades maiores, é capaz de notar as casas de alvenaria dividindo o espaço de seus muros com as casas de madeira. Em sua maioria são casas com muros baixos, os portões não possuem cadeados, as roupas são estendidas nos varais, as portas costumeiramente estão abertas, e por elas é possível ver no interior das casas os mobiliários, pessoas conversando e uma relativa e aparente tranquilidade pelas ruas.

As ruas principais que cortam Borá dirigem-se para a praça da cidade. Nesta praça está a Igreja de Santo Antônio, a partir de onde a cidade passou a se desenvolver. A praça e a Igreja caracterizam um local de extrema importância para a vida social dos boraenses. Durante todo o trabalho notamos pessoas sentadas conversando ou cruzando a praça para irem a algum lugar. A praça e o barracão da Igreja são os lo-

cais onde a Festa de Santo Antônio é realizada anualmente e congrega a população.

Ao seu redor está o Paço Municipal (prefeitura), um fundo social de solidariedade, uma padaria, uma delegacia civil e outra militar, uma agência bancária, um centro comunitário, um açougue, uma farmácia, uma escola infantil e uma pequena mercearia. Nos entornos da praça existem casas, e pelo que pude perceber são residências de membros de famílias tradicionais, mais antigas na cidade. Ainda que se espalhem pelas ruas mais próximas da praça, é uma localidade que demarca um espaço de tradição e de alguma hierarquia entre as famílias mais novas e as que estão há muito tempo estabelecidas.

Acompanhei no período de pesquisa de campo a transformação da praça. Quando iniciei a pesquisa, sua estrutura física era bem diferente do que é hoje. Com uma reforma realizada pela prefeitura, a praça ganhou luminárias novas, um coreto, e a imagem de Santo Antônio, que antes figurava num bebedouro de azulejos, tornou-se uma imagem de gesso em tamanho grande, mais moderna e rejuvenescida.

Além dos derredores da praça, encontra-se um pequeno comércio espalhado por ruas que dão acesso a praça. Na rua de entrada para a cidade – que é a rua de cima da praça – estão: o “Mercado do Povo”, uma lotérica, um restaurante, o cemitério, dois bares, um Centro de Informática (parte do programa ACESSA São Paulo, que visa à integração à internet) e um posto de gasolina. Em uma rua paralela a esta descrita e que também vai de encontro à praça, há uma loja dos Correios, uma pequena butique e o velório municipal. A cidade também conta com uma base policial em uma de suas extremidades, um terminal rodoviário, um estádio municipal (um grande campo de futebol, com arquibancadas, em que os times regionais marcam seus torneios e onde o rodeio é realizado anualmente).

No que diz respeito à religiosidade dos boraenses, observei que assim como nos diferentes aspectos de suas vidas, está intimamente relacionados aos laços familiares. Antes de entrar especificamente no perímetro urbano de Borá, os sítios e fazendas que a cercam foram batizadas com nome de santos, como por exemplo, Sítio Nossa Senhora da Graça, Fazenda Nossa Senhora Aparecida, Sítio Santo Antônio e Sítio São José. Em um trecho de seu trabalho Valdirene Marconato (1997)⁴ rememora a experiência religiosa de sua infância e do contato familiar que se desenvolvia nestes sítios:

A igreja onde tive as primeiras instruções em relação a Deus, espera todo ano pela festa de Santo Antônio, o padroeiro. [...] As ruas mais afastadas oferecem os horizontes, verdes sítios que deixaram outras saudades. Das estripulias de criança e broncas das avós, do certo e do errado. (MARCONATO, 1997, p. 29).

No trecho citado e em todo o trabalho de Marconato, é possível identificar que o desenvolvimento da cidade e as biografias de muitos dos habitantes estão relacionados com o convívio familiar e comunitário. Por exemplo, alguns sobrenomes como das famílias Vedovatti, Bregolato, Leovezete, Marconato e Furniel, são recorrentes nos importantes momentos de Borá. Desde a abertura das matas para a construção da então “Vila Borá”, passando pela construção da capela, pelo desenvolvimento do comércio agropecuário, pela sua emancipação a município em 1964 e suas primeiras eleições, até os dias de hoje, os boraenses desde crianças estão envolvidos em relações consanguíneas ou por laços vicinais.

Na primeira visita que realizei a Borá, ao percorrer as ruas, me deparei com uma casa de madeira, de portões e muros pequenos, que estava com a porta da sala aberta, onde pude ver algumas imagens de santos católicos pelas paredes. Resolvi interpelar os moradores da residência para saber um pouco mais sobre a cidade e questionar sobre a devoção aos santos.

A casa pertence à dona Germina,⁵ 89 anos, descendente direta de uma das famílias portuguesas que colonizaram a localidade. No momento estava acompanhada de sua filha, que há anos mora na capital de São Paulo, mas passou parte de sua vida em Borá. Em nossa conversa, dona Germina contou que viu a cidade nascer. Lembra, ainda hoje, de seus pais e das demais famílias abrindo as matas, construindo suas casas, dos bailes que eram realizados entre os jovens, da igreja sendo construída, dentre tantas outras memórias. Como relata Marconato (1997, p. 7), em entrevista com dona Germina em 1997, os casamentos antigamente eram realizados entre as famílias que ali conviviam. Os membros de uma família casavam-se com os de outra, assim, quase todos na cidade são parentes próximos ou distantes.

Ao questionar sobre as imagens de santos que possuía em sua sala, me convidou para entrar e vê-las de perto. Em uma das paredes havia um grande crucifixo de madeira pendurado, portando cerca de uns 50 cm, o crucifixo estava rodeado de imagens: um quadro de ta-

manho grande da Santa Ceia, um anjo de metal, e à direita e à esquerda haviam retratos dos pais já falecidos.

A trajetória pessoal de dona Germina, como de alguns remanescentes diretos das famílias precursoras está intimamente ligada à história da cidade, pois, como ela mesma disse “ajudou a arrancar a mata para que a cidade fosse construída”. Devido a este importante vínculo familiar forjado desde o início da cidade, uma das falas de dona Germina apontou diretamente para o que mais tarde compreenderia com maior exatidão sobre as transformações na cidade de Borá.⁶ Nas palavras de nossa interlocutora, "antes a gente conhecia todo mundo que passava pela rua. Agora já não se sabe mais quem é quem". (Dona Germina, 89 anos, boraense).

O depoimento de dona Germina, assim como as demais falas dos boraenses, podem ser bem compreendidas como percepções dos habitantes sobre as transformações que passa a cidade e alteram o conjunto de relações estruturadas por relações comunitárias. Ferdinand Tonnies (1973) em sua tipologia ideal propõe uma separação entre comunidade (*Gemeinschaft*) e sociedade (*Gesellschaft*). Considerando as comunidades como formas sociais marcadas por relações pessoais, intenso espírito emocional, e constituída pela cooperação, pelos costumes e pela religião. Ela é encontrada na família, na aldeia e em pequenas comunidades urbanas.

As sociedades (*Gesellschaft*), segundo o autor, são típicas de uma organização de grande escala, como as grandes cidades, o Estado ou a nação, que se fundam nas relações impessoais, nos interesses particulares, no direito e na opinião pública. Para Tonnies a família, a vizinhança e o grupo de amigos são exemplos de estruturas comunitárias, enquanto a cidade e o Estado são exemplos de estruturas societárias.

Como na maioria das cidades interioranas do Estado de São Paulo, Borá também conforma o mesmo quadro de estrutura de sociabilidade caipira em sua formação. Antônio Candido (1975) em seu estudo sobre as condições da vida no campo sustenta que um dos aspectos fundamentais na constituição da vida rural foram os agrupamentos de famílias, que em auxílio mútuo organizaram-se e de maneira comunal desenvolveram os bairros, vilas e cidades.

Esta é a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxi-

lio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas. (CANDIDO, 1975, p. 62).

Segundo Marconato (1997, p. 1-2), em 1918 a família Vedovatti chega ao Bairro do Cristal, passando pelos rios que cortam a atual Borá para ir até a cidade de Sapezal, onde se dava a parada do trem da Alta Sorocabana, para comercializar produtos alimentícios. Três anos mais tarde, em 1921, com a chegada de famílias portuguesas, fizeram de residência os acampamentos dos engenhos – acampamentos estes que haviam sido utilizados pelas expedições organizadas pelo Governo do Estado no início do século para desbravar as terras do então “sertão desconhecido” –, localizados na fazenda de Dionísio Zironi.

Em seguida, outras famílias, desta vez de imigrantes italianos, chegaram e se assentaram no acampamento. Juntamente com as outras famílias, abriram as primeiras picadas – as atuais estradas que ligam Borá ao distrito de Sapezal e a cidade de Paraguaçu Paulista. A primeira medida foi a derrubada da mata para plantio, que automaticamente, também abriria um caminho maior para as estradas e facilitaria o comércio nas épocas de safra.

Em fins de 1923 e início de 1924, essas famílias, todas de orientação religiosa católica, tomaram por iniciativa construir uma capela para realizar suas orações, missas, batizados dos filhos, etc. De imediato, foi levantado um cruzeiro de madeira, onde eram realizadas as missas. Pouco tempo depois as famílias se reuniram para tratarem da escolha de um local adequado para a edificação da capela. O local escolhido, por fim, foi no sítio de José da Costa Pinto, por serem terras que estavam no centro das demais propriedades.

Como relata Marconato (1997, p. 4), com tamanha honraria, Costa Pinto doou um alqueire de terras para a construção da capela. Em mutirão as famílias auxiliaram na sua edificação toda de madeira. Alguns derrubaram árvores de perobas, outros transportaram as madeiras em carros de boi, e numa cooperação mútua nasceu a Capela.

O santo padroeiro escolhido foi Santo Antônio, e no mesmo período da construção foi instituída a Vila Borá.

As junções das famílias imigrantes e das demais famílias brasileiras que se encontraram na região deram origem a um tipo de sociabilidade que pode ser compreendido na síntese de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973, p. 3), que devido às grandes transformações pelas quais passou o Estado de São Paulo desde o final do século XIX, com a en-

trada de grande massa de imigrantes europeus e pela coexistência de diferentes grupos no espaço rural, promoveu-se um tipo de sociabilidade comunal, onde a família e os parentes formavam a base desta estrutura comunitária.

Para obtermos um panorama geral sobre o campo religioso em Borá, consultamos o Censo das Religiões no Brasil (IBGE, 2012), onde os dados apontam para as seguintes pertencas e declarações religiosas:

Tabela 01: Religião declarada da população residente em Borá (SP)

	2010 (%)
Católicos	69
Evangélicos	27
Espíritas	0
Candomblé e Umbanda	0
Sem religião	0
Outras	4
Total	100

Fonte: IBGE, 2012.⁷

Como podemos ver na tabela a maioria da população se declara como católica. Este dado corrobora com a característica geral do país. Mesmo com crescimento evangélico, os católicos continuam a representar uma parcela grande da população com cerca de 64,6%. O crescimento acelerado dos evangélicos a partir de 1991, como aponta o Censo, vem colocando em cheque a hegemonia católica.

Em Borá, fica nítido que declarantes católicos e evangélicos são predominantes na cidade. No caso dos católicos, por serem maioria, configuram o quadro histórico da própria formação e tradição da cidade. Os evangélicos são resultado da inserção das igrejas evangélicas em Borá desde a década de oitenta. Atualmente estão presentes igrejas protestantes que podem ser caracterizadas como pentecostais clássicas de primeira e segunda onda, conforme as tipologias propostas por Paul Freston (1993). São elas: Igreja Assembleia de Deus (Ministério do Ferreira), Igreja Assembleia de Deus (Ministério de Belém), Igreja Congregação Cristã do Brasil e Igreja do Evangelho Quadrangular.

Segundo Ricardo Mariano (2012, p. 23), a Congregação Cristã e a Assembleia de Deus, fundadas no Brasil respectivamente em 1910 e 1911, sempre apresentaram claras distinções eclesiais e doutrinárias,

mas com o passar do tempo, geraram formas e estratégias evangelísticas e de inserção social bem distintas. No caso da Igreja do Evangelho Quadrangular, presente no país a partir da década de cinquenta, teve em sua gênese formativa os fragmentos denominais do pentecostalismo, diversificando seu aparato institucional, e que acabou por atingir suas doutrinas e derivou suas ênfases proselitistas (idem).

A notoriedade do crescimento dos evangélicos em Borá pode ser notada quando confrontamos os dados do Censo, conforme apresentamos anteriormente, com os dados obtidos em nossa pesquisa. Foram constatados na pesquisa casos de pluralismo religioso intrafamiliar, ou seja, famílias que em sua composição encontram-se católicos e evangélicos convivendo sob o mesmo teto. Também identificamos famílias que se declararam “sem religião” e espíritas que, mesmo não havendo um centro para as reuniões na cidade, acabavam por ir às cidades próximas. Inclusive, alguns destes mesmos declarantes espíritas residem com familiares católicos.

Ao aplicarmos um questionário⁸ semiestruturado em 52 residências para verificar a composição familiar e as pertencas religiosas, obtivemos os seguintes dados:

Tabela 02: Declaração religiosa por residência, Borá (SP), 2011-2013

	N
Famílias que se declararam totalmente católicas	31
Famílias que se declararam totalmente evangélicas	4
Famílias que se declararam sem religião	1
Famílias que apresentaram pluralidade religiosa (católicos, evangélicos, espíritas e de múltiplas pertencas)	16
Total de Famílias entrevistadas	52

Fonte: Elaboração própria a partir do material etnográfico da pesquisa

Identificamos um expressivo número de famílias com pluralismo religioso, isto é, que transpassa o espaço público e adentra o espaço privado da casa. Embora poucos trabalhos na literatura especializada discutam a questão do pluralismo religioso intrafamiliar⁹, diversos autores ao visualizarem o crescimento dos segmentos protestantes no Brasil, apontavam para diferentes direções que este crescimento teria e quais seriam os resultados numa sociedade historicamente formada pelo catolicismo. No que tange a esfera familiar, partimos do que coloca Pierre Sanchis (2010)¹⁰ em entrevista, que diz:

[...] a dimensão do absoluto continua sendo um marcador no campo da religião, e o encontro generalizado de religiões que conhece o mundo contemporâneo significa o encontro de absolutos diversos. Quer dizer, com frequência, o confronto de vários absolutos. O conflito. Sabemos o risco que isto significa em termos de concórdia familiar e cívica. (SANCHIS, 2010).

A dimensão do absoluto, o qual se refere Sanchis, é a qualidade de verdade implicada em todas as religiões. Ainda mais se tratando das religiões de caráter salvacionista, o absoluto como verdade caracteriza-se como um importante marcador identitário para os religiosos. Nesse sentido, Marcelo Camurça (2009), pondera que no caso brasileiro, o encontro do catolicismo e das outras religiões em certos espaços, como no espaço privado da casa, não se dão em um simples processo de assimilação e concórdia, mas são permeados por diversas situações como conflitos, tensões e enfrentamento. Como coloca o autor:

[...] as fricções e interfaces existentes entre as distintas religiões que convivem em solo brasileiro obedecem a linhas de forças que as colocam ora em situações de trocas, interpenetrações e comunicações, ora em situações de diferenciação, competição e enfrentamento. (CAMURÇA, 2009, p. 174).

Este contato ambivalente, onde as religiões travam suas disputas e permitem diferentes modos de convivência entre seus adeptos, ganham fôlego quando voltamos nosso olhar para o espaço familiar e nas relações de parentesco. Nas palavras de Weber (1982, p. 377), “sempre que as profecias de salvação criaram comunidades religiosas, a primeira força com a qual entraram em conflito foi o clã natural”. Todavia, as características singulares de cada grupo elaboram outros meios de conduzir as relações entre familiares de pertencimentos religiosos diferentes. Descrevo na sessão seguinte uma das situações narradas por uma de nossas interlocutoras. Dessa forma, busco demonstrar a partir de suas narrativas outros caminhos possíveis para pensarmos a tese weberiana e o pluralismo religioso.

Relações de parentesco, comunitárias e identidades religiosas: valores em negociação

Dona Lucia,¹¹ 42 anos, separada, católica, dona de um comércio bastante frequentado em Borá, nos forneceu depoimentos sobre sua relação com sua irmã que se converteu e tornou-se evangélica, e como em certa vez, vizinhas tentaram levá-la para assistir um culto.

Ao chegar a Borá para um dia de trabalho de campo, parei no comércio de dona Lucia como de costume,¹² e logo ela me questionou sobre uma matéria que havia visto na televisão sobre o crescimento dos evangélicos no país.¹³ Como estava ciente da pesquisa, queria saber minha opinião sobre o assunto. Iniciamos uma conversa a respeito do tema, e de antemão disse, “Borá é pequena, mas tem bastante igreja evangélica”.

Em seguida, relatou o caso de sua irmã, que após se converter a uma igreja evangélica parecia que haviam feito “lavagem cerebral nela”. Disse que a irmã passou a frequentar a igreja quase todos os dias, até parou de trabalhar para realizar trabalhos da igreja. Depois de sua conversão quando a irmã a visitava em casa sempre falava para jogar fora as imagens de santos. Dona Lucia replicava e dizia para “deixar em paz seus santinhos”. Certa vez ao visitar sua irmã, como de costume, esperava que fosse recebida com um café. Mas, em suas próprias palavras, “...ela não tinha nem café em casa... Eu fui na casa dela e ela falou que o resto de café que tinha, fez pros irmãos da igreja que tinham ido visitar ela mais cedo” (Dona Lucia, 42 anos).

Dona Lucia também contou que há algum tempo era vizinha de uma pastora e de uma “irmã” frequentadoras de uma das igrejas evangélicas da cidade. Estas sempre lhe convidavam para ir ao culto, mas sempre alegava que não poderia deixar o comércio sozinho. Embora, segundo ela, não tinha problemas com as vizinhas, nem mesmo com os evangélicos, pois até recebia orações das vizinhas e gostava bastante, acreditando que as orações sempre faziam bem. Mas num certo dia, apareceram as duas no estabelecimento e disseram “hoje você vai!”. Seguraram-na pelos braços e a levaram para a igreja. Como todos se conhecem em Borá, ela disse para um dos clientes tomar conta do comércio enquanto estaria fora. Ao chegarem à igreja, ao iniciar o culto, dona Lucia disse: “quando elas se ajoelharam pra orar, vi que elas se distraíram, virei às costas e saí de lá, nunca mais voltei!”.

Ao questioná-la sobre o desfecho de ambas as situações, contou que não discutiu com a irmã, mesmo não concordando com sua nova opção religiosa. Ao ver a difícil situação financeira desta, que no momento estava desempregada, comprou cestas básicas para que pudesse

se manter. No caso das vizinhas, disse que “ficaram meio estranhas, mas depois voltaram ao normal”, são amigas até hoje, só que nunca mais a chamaram pra ir à igreja.

Estes casos sugerem que em Borá, e para os boraenses, as noções de família e comunidade interagem e desenvolvem reações distintas das clássicas reações conflituosas existentes nas diferentes adesões religiosas na esfera familiar. Em suas relações não se trata de tolerar o outro por possuir uma vinculação religiosa que se distingue da família ou da tradição da comunidade, mas o que está em jogo para eles é: quais os mecanismos que estão ao alcance em cada situação de tensão para serem acessados a fim de negociar os valores, de modo que cada envolvido saia, ainda que parcialmente, satisfeito com o resultado da negociação.

Deste modo, a tese de Weber pode ser repensada a partir da seguinte síntese: as noções de família e de comunidade, enquanto categorias de entendimento historicamente definidas, onde os indivíduos se reconhecem e se situam no mundo, embora não sobreponham os valores religiosos, elas inserem a possibilidade de negociações e de mediações entre os diferentes indivíduos e visões de mundo, gerando por vezes no mesmo espaço de convivência um mosaico religioso que concorre e compartilha simultaneamente dos mesmos códigos.

Considerações Finais

Em suma, a maneira como os boraenses experimentam as relações entre parentes e amigos, na família e na comunidade, apontam para o tipo de *cristianismo patrimonial* (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 76), onde há uma intensificação emocional do sentimento de pertença comunitária e também da ideia da posse de uma herança cultural que estabelece uma separação radical entre o grupo dos “herdeiros” e “os outros”. Isto é, ainda que a experiência religiosa se individualize e intensifique seu processo de subjetivação, noções que estão relacionadas à experiência religiosa coletiva resgatada pelos rituais e pela narrativa histórica – como as noções de *família* e de *comunidade* –, parecem estar produzindo novas formas de sociabilidade em determinados contextos orientados pelo cristianismo, ao menos isto está presente no caso empírico estudado.

Estas noções estão intimamente relacionadas com a experiência religiosa de nossos interlocutores. Seja nos espaços privados ou públicos, as manifestações de suas identidades religiosas estão inseridas na lógica das próprias relações na cidade, entre amigos e parentes. O envolvimento emocional que a experiência religiosa na modernidade possibilita, ganha força nas redes de relações desenvolvidas a partir das noções de coletividade.

No que diz respeito ao universo religioso podemos listar que as igrejas evangélicas presentes a pouco mais de trinta anos em Borá, reconfiguram e dinamizam as próprias relações de parentesco e comunitárias, do mesmo modo que atualizam as negociações no campo religioso. Assim, de uma maneira instável e desequilibrada, ora manifestam-se tensões, ora produz-se negociações, sempre em torno do significado de família e de comunidade. Embora os dados do IBGE (2010) e de nosso estudo comprovem a maioria católica na cidade, o número de famílias com pluralismo religioso tende a crescer.

O enfoque do discurso proselitista é o tema da família, apontando para um campo de estudos que podem evidenciar determinadas tensões sutis e modalidades de negociações simbólicas dentro do conjunto das transformações do campo religioso. Contudo, a família não é alvo de um proselitismo de ordem pentecostal apenas, pois, como descrevemos sobre a missa que assistimos em Borá, a pregação era voltada para as famílias.¹⁴

Outro aspecto a ser considerado dentro desta transformação do campo religioso são as próprias práticas religiosas que também mudam. No caso dos católicos que possuem imagens de santos em casa, com o pluralismo religioso presente na família, passam a alterar suas práticas devocionais.¹⁵ A imagem de santo que antes figurava na sala precisa ocupar um lugar mais discreto, menos visível, buscando preservar assim a harmonia familiar. Esta dinâmica de ressignificar espaços e práticas também está presentes nos católicos que não convivem diretamente com o pluralismo religioso dentro de suas casas. Como as relações entre vizinhos ou são de parentesco ou bastante próximas, e o espaço público da cidade conforma um ambiente de proximidade, acabam por experimentar este contato, alterando também suas práticas devocionais (cf. MACHADO; BRAGA, 2011; MACHADO, 2012).

No que tange as transformações sociais e econômicas de Borá, podemos considerar que a partir da construção do novo conjunto habitacional o quantitativo populacional da cidade tende a aumentar (cf.

nota 8). Provavelmente no próximo Censo a cidade não será a “menor cidade brasileira”, e embora seja difícil estimar um número aproximado, o que podemos sugerir como um dos principais impulsos para este crescimento seja a presença fixa dos trabalhadores migrantes. O aumento da população está gerando mudanças no campo religioso, nas relações de parentesco, comunitárias e econômicas da cidade.

De modo geral, consideramos que o campo religioso em Borá continuará em transformação a partir de mudanças derivadas de outras esferas da vida social. Assim, devido às particularidades históricas na constituição das famílias, a noção de comunidade, de um coletivo, também passa a ser transformado neste contexto. O atual momento da cidade permite constatar estes movimentos e dinâmicas no interior das famílias e do próprio campo religioso.

Notas

* Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Este artigo é uma síntese da monografia *Os santos de casa: um estudo sobre família, comunidade e religião no menor município brasileiro*, premiada em primeiro lugar no Concurso de Monografias para Jovens Pesquisadores, organizado pela Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM), durante as XVII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, realizada em Porto Alegre (RS), em novembro de 2013. Frisamos também que entre fevereiro de 2012 a dezembro de 2013 a pesquisa foi realizada com o fomento da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) em sua modalidade de Iniciação Científica, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Mendes da Costa Braga, a quem agradeço as inúmeras sugestões e observações durante toda a pesquisa.

¹ Sobre as reações iconoclastas e seus desdobramentos históricos conferir Besaçon (1997) e Machado (1997); sobre as devoções e usos da iconografia religiosa em contextos populares e na história do catolicismo no Brasil conferir Lopes (2010).

² Atualmente, segundo dados do IBGE, Borá não é mais a cidade com menos habitantes no país. Os 805 habitantes que me baseio, são fornecidos pelos dados do Censo Populacional de 2010 (IBGE). Neste ano, devido a nascimentos, falta de óbitos e fluxos de pessoas, a cidade soma cerca de 834 habitantes. No interior de Minas Gerais, a cidade de Serra da Saudade, foi reconhecida como a menor do Brasil, somando cerca de 830 habitantes do mesmo ano.

³ As visitas duravam cerca de um ou dois dias, conforme as possibilidades de ir passar a noite em Paraguaçu e retornar pela manhã até Borá. Na maior parte destas vinte e cinco visitas, o trabalho iniciava pela manhã indo até o final da tarde, onde o último ônibus parte para Paraguaçu.

⁴ Nascida e criada em Borá, Valdirene Marconato em sua monografia *Borá: fragmentos do recanto* (1997) elaborou um livro-reportagem sobre a história da cidade. Coletou entrevistas, verificou arquivos e com personalidade construiu um importante material sobre o

desenvolvimento de Borá desde a chegada de seus primeiros habitantes até o final da década de noventa.

⁵ O nome de dona Germina é citado sem pseudônimo por ser uma referência direta ao trabalho de Marconato.

⁶ Refiro-me a presença dos trabalhadores migrantes. Em 2004, com a reativação da usina de cana de açúcar, Usina Ibéria (antiga Usina Gatuns), surgiram maiores possibilidades de emprego na cidade e região. Distante 13 km do centro da cidade, a usina emprega cerca de 2.000 funcionários, cuja maior parte são das cidades vizinhas. Entre os meses de maio e novembro esse quantitativo aumenta com a grande massa de migrantes, em sua maioria são oriundos do estado de Alagoas e de outras regiões do nordeste, que são contratados como trabalhadores sazonais. Devido a alguns contratos efetivos e novas oportunidades de vida, uma parte destes trabalhadores optam por se estabelecerem na região. Durante o período de trabalho, moram no alojamento da usina. Mas, por apresentarem uma relativa demanda de permanência, uma parceria entre a Prefeitura Municipal, o Governo do Estado de São Paulo e a Usina Ibéria, foram construídas 101 casas populares na cidade. Estas casas, segundo o programa, são destinadas aos trabalhadores migrantes em primeiro lugar, em seguida para a demanda de pessoas que trabalham em Borá, mas moram em cidades vizinhas como Paraguaçu Paulista ou Quatá.

⁷ IBGE Cidades, disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=350720&idtema=91&search=saopaulo|bora>> censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao>, acesso em 02/07/2013.

⁸ O questionário foi composto pelas seguintes questões: 1) Possui religião? 2) Qual religião? 3) Frequenta alguma igreja? 4) Quantas pessoas residem na mesma casa? 5) Quais as idades das pessoas que moram na mesma casa? 6) Todas as pessoas da casa pertencem a mesma religião? 7) Alguém da casa possui algum santo de devoção? 8) Algum membro da residência possui imagens de santo dentro da casa?

⁹ As discussões sobre pluralidade religiosa concentram-se nos espaços urbanos metropolitanos (cf. CAMURÇA, 2003; GIUMBELLI, 2008; MERLO, 2008; NEGRÃO, 2009). Outra perspectiva adotada são os estudos da pluralidade religiosa dentro do núcleo familiar por meio do viés psicológico (cf. OSORIO, 1996; BRUSGAGIM, 2004). Poucos trabalhos adotam uma perspectiva antropológica para a compreensão deste fenômeno, porém, cabe ressaltar neste quesito os trabalhos realizados por Maria Barbosa (1983), Maria das Dores do Campo Machado (1996), Edlaine Gomes (2006) e por Silvana Sobreira de Matos (2008) que contribuíram para muitas reflexões presentes neste estudo.

¹⁰ Entrevista concedida à Revista do Instituto Humanitas Unisinos em 16/10/2010.

¹¹ Utilizamos pseudônimos no lugar do nome real da entrevistada, procurando preservar sua privacidade.

¹² Por diversas vezes durante as visitas que realizei a Borá, dona Lucia estava no balcão de seu estabelecimento com uma Bíblia aberta com um rosário ao meio.

¹³ O trabalho de campo neste período coincidiu com a divulgação pela mídia do Mapa das Religiões do Brasil pelo IBGE em 2012.

¹⁴ Em uma das missas que frequentei em Borá, justamente na missa de celebração da Festa de Santo Antônio, no terceiro domingo de julho de 2012, a mensagem do padre era exatamente sobre a unidade da família e da comunidade. O título da mensagem era “Vocação e missão profética do povo de Deus”. Suas palavras exortavam sobre a pre-

sença da família na igreja e que os valores cristãos estão sendo abandonados por muitas famílias, a consequência é sua desestruturação.

¹⁵ Outro exemplo deste grau de generalização sobre a negociação e realocações de imagens de santos, altares e objetos iconográficos católicos, pode ser encontrado na etnografia realizada por José Rogério Lopes (2010) em *A imagética da devoção: a iconografia popular como mediação entre a consciência da realidade e o ethos religioso* (capítulo 3).

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Ronaldo de. Dez anos do "chute na santa": a intolerância com a diferença. In: SILVA, Vagner G. da. (org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007.
- BARBOSA, Irene Maria Ferreira. *Socialização e relações raciais: um estudo de famílias negras em Campinas*. São Paulo, FFLCH/USP, 1983.
- BRUSCAGIN, Claudia. Família e religião. In: CERVENY, C. M. de Oliveira (org.). *Família e...* São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda, 2004.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre sincretismos e guerras santas: dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro. *Revista da USP*, São Paulo, n. 81, p. 173-185, mar/maio, 2009. Disponível em: www.revistausp.sibi.usp.br/pdf/revusp/n81/15.pdf. Acesso em: 2 out. 2011.
- _____. Espaços de Hibridização, Dessubstancialização da Identidade Religiosa e Ideias Fora do Lugar. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 5, n. 5, p. 37-65, out 2003.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 3ª Ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Família, moralidade e religião: tensões contemporâneas em busca de um modelo. In: VELHO, G.; DUARTE, L. F. D. (orgs.). *Geração, família e sexualidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências, UNICAMP, Campinas (SP), 1993.
- GIUMBELLI, Emerson. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. *Religião e Sociedade* [online]. 2008, vol.28, n.2, p. 80-101. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872008000200004>>. Acessado em: 15/09/2011.
- _____. O "chute na santa": blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia (org.). *Religião e espaço público*. São Paulo: Attar, 2003.
- GOMES, Edlaine Campos de. Família e trajetórias individuais em um contexto religioso plural. In: DUARTE, L. F. D. & HEILBORN, M. L. & BARROS, M.

- L. de & PEIXOTO, C. (Orgs.). *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LANNA, Marcos. *A dívida divina: troca e patronagem no nordeste brasileiro*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.
- LOPES, José Rogério. *A imagética da devoção: a iconografia popular como mediação entre a consciência da realidade e o ethos religioso*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
- MACHADO, Arlindo. O quarto iconoclasmo. In: *O quarto iconoclasmo e outro ensaios hereges*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- MACHADO, Carlos E. Revisitando os altares domésticos: os usos dos espaços domésticos como parte da experiência religiosa. *Primeiros Estudos*, n. 2, p. 144-165, 2012. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/45950/49552>>. Acesso em: 02 set. 2013.
- MACHADO, Carlos E.; BRAGA, A. M. C. *Os Santos da Casa: práticas devocionais, religiosidade doméstica e sua extensão social numa pequena cidade do interior de São Paulo, Brasil*. Trabalho apresentado em: JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS EM AMÉRICA LATINA, XVI, Punta Del Este, Uruguai, ACSRM, 2011.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, São Paulo, Autores Associados: ANPOCS, 1996.
- MARQUES, Ana Claudia. *Intrigas e Questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/NuAP-UFRJ, 2002.
- MARCONATO, Valdirene. *Borá: fragmentos do recanto*. Projeto Experimental apresentado ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Comunicação e Arquitetura da Universidade de Marília, São Paulo, 1997.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4ª edição. São Paulo. Edições Loyola, 2012.
- MATOS, Silvana Sobreira. *Tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos em Campina Grande – PB*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.
- MERLO, Márcia. Religiosidade: entre negociação e conflito. Pentecostais, católicos e adeptos de religiões afro-brasileiras em Ilhabela e Ubatuba. *Revista Nures*, n° 8, jan/abr. 2008, p. 1-15. Disponível em:<http://www.pucsp.br/nures/revista8/nures8_marcia.pdf>. Acessado em: 03 out. 2011.
- MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Religião: pluralismo, percursos e multiplicidades. In: Negrão, Lísias Nogueira (Org.). *Tramas do sagrado: trajetórias e multiplicidades*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2009.
- OSORIO, Luiz Carlos. *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Bairros rurais paulistas*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.
- SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, dez. 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=673&secao=208>, acesso em: 06 mar. 2011.
- _____. Cultura brasileira e religião... passado e atualidade... *Cadernos CERU*, série 2, vol. 19, n. 2, p. 71-92, dez. 2008.
- TAVARES, Fátima R. G.; CAMURÇA, Marcelo. Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais. *Ciências Sociais y Religion/Ciências Sociais e Religião*, ano 8, n. 8, p. 99-120, Porto Alegre, 2000.
- TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, F. (org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Nacional/ Edusp, 1973.
- WEBER, Max. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos no sul e siti-antes do nordeste*. São Paulo: Heducitec & Edunb, 1995.

Fonte

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Religiões – Mapa das Religiões no Brasil 2010*. Brasília (DF): IBGE, 2012 (divulgação). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/index.php>>. Acessado em: 02 jul. 2013.